

Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, que congrega cerca de 80 ONG's. Tem ação direta em práticas educativas nos temas relacionados com a saúde e sexualidade femininas, direitos reprodutivos, desenvolvimento de pesquisas a estudos nestes temas. Tem ainda, como objeto de ação, o trabalho junto aos Movimentos Sociais Organizados, Sindicatos, Congresso Nacional e Câmara Legislativa do Distrito Federal. Acreditando que o trabalho feito de maneira multidisciplinar pode gerar crescimento, dentro de uma ação de complementariedade, a equipe do NuSS é formada por 1 antropóloga, 1 médica, 1 jornalista, 1 odontóloga e 2 psicólogas.

Atualmente, o NuSS vem desenvolvendo, junto a grupos de mulheres, um trabalho de reflexão acerca da saúde sexual e reprodutiva, bem como um despertar para a cidadania.

O trabalho em grupo pode ser visto como uma nova abordagem na terapia sexual, a partir do momento em que se permita a troca e a construção de reflexões cujas vivências individuais adquiram, coletivamente, um novo sentido.

Esta perspectiva de trazer para o público o que antes parecia privado, não é uma abordagem recente. Ela faz parte da reflexão dos grupos de mulheres iniciada em décadas anteriores a esta em que vivemos.

GRUPOS DE MULHERES: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA NA TERAPIA SEXUAL

Quando pensamos em Terapia Sexual, vêm-nos à mente as abordagens clássicas no tratamento das disfunções sexuais, as posturas dos terapeutas em seus consultórios; enfim, toda uma cena pode ser montada. É o *espaço terapêutico convencional*.

Conseguimos perceber, também nesta cena, o quanto é difícil despirmonos de conceitos preestabelecidos, a ponto de chegarmos à frente de um profissional de saúde e dizer o que estamos sentindo. Este comportamento traduz-se em queixas invisíveis, trazidas para o cotidiano, e que se expressam ou não através da fala.

Em nossa sociedade atual valoriza-se o sexo (ou porque não dizer a genitalidade) de forma a orientar uma certa pressão, não somente para a sua prática, mas acima de tudo para termos a melhor

performance e de alguma forma provarmos que somos sexualmente bem sucedidos.

A história da sexualidade mostra-nos como a conceitualização e a vivência da sexualidade teve participação nos hábitos de vida da humanidade.

Dentro da história da sexualidade, podemos perceber como a mulher foi desenvolvendo, desempenhando ou mesmo até, conformando-se com o papel que lhe foi designado pelo universo masculino. Segundo Mary Del Priore, em seu livro *Ao Sul do Corpo*, que retrata um estudo acerca da condição da mulher no Brasil Colônia, a Igreja era a instituição que mantinha o monopólio ideológico na organização da nova sociedade, orientando a moral e a ética dentro de uma perspectiva cristã, paternalista e falocrática. As relações de poder, explícitas inclusive na escravidão da época, reproduziam-se da mesma forma nas relações entre homens e mulheres, onde estas estavam fadadas a serem escravas domésticas; onde a sexualidade encontrava-se justificada apenas na procriação e a sensualidade reduzia o homem ao nível dos animais.

Hoje, a visibilidade dos grupos de mulheres tem possibilitado uma nova maneira de ler a realidade, mostrando que as relações de poder ainda continuam presentes em todas as instâncias do cotidiano (como pontuaram as conferencistas na IV Conferência Mundial Sobre a Mulher -Ação para Igualdade, Desenvolvimento e Paz - Beijing-China - 1995).

Façamos uma breve retrospectiva, através da história, dos primeiros grupos de mulheres, para que possamos entendê-los melhor.

Numa primeira etapa do movimento feminista, foram delimitados territórios distintos para o mundo de ação das mulheres e dos homens. Podemos entendê-la como uma “guerra entre os sexos”, que acabou por mascarar as verdadeiras necessidades de reformas nas estruturas. Nesta etapa, traduzida em dominação, o feminino, subjugado ao patriarcalismo, criou uma tendência à valorização da natureza feminina em detrimento da masculina. Qualquer mediação entre as duas poderia ter sido interpretada como insurreição contra a opressão, gerada pelo universo dos homens. Na verdade buscava-se desmitificar imposições, frutos de uma ideologia falocrática, tais como, dominador/submisso, maior/menor.

Como uma espécie de “sororidade”, os primeiros grupos de mulheres reuniram-se, aparentemente sem obstáculos na comunicação, relegando o que pudesse lembrar a organização social dos homens. “Esta sociabilidade feminina indistinta, a revestida de todas as virtudes, que inspirou a prática feminista durante muito tempo pode, sem dúvida, ser esclarecida, em parte pelas circunstâncias sócio-históricas: o feminismo era o herdeiro mais obstinado da ideologia desenvolvida pela revolução

cultural de Maio de 1968, segundo o qual o coletivo prevalecia sobre a afirmação singular, numa perspectiva formalmente igualitária.”¹

Tal reflexão tem a ver com o contexto das evoluções que eclodiam concomitantemente, em várias partes do mundo, as quais buscavam com os grupos minoritários - nestes os grupos do movimento feminista - refletir sobre a preocupação com o outro e de como trabalhar com a população de uma forma não autoritária.

O que até então parecia expontâneo, tornou-se divergente, dentro do próprio grupo de mulheres, pois algumas delas buscavam sanar suas carências, herdadas de uma sociedade paternalista e falocrática, através da “sororidade”. Provavelmente esta “sororidade” não estava preparada para as idiosincrasias. Foram os efeitos hiatrogênicos do rompimento brutal com o mundo, dito, até então, dos homens.

Mas o caminho continuou a ser percorrido pelas mulheres, e assim o movimento feminista veio criticar os silogismos culturais, psicológicos e sociais da inferioridade do gênero feminino.

As relações sociais que por hora vivemos, encontram-se enraizadas nas tradições culturais, filosóficas e religiosas, que evidenciaram, através da história, as diferenças, e as traduziram em desigualdades.

No contexto sócio-político do nosso país, percebe-se que as idéias relativas à igualdade de gênero estiveram presentes e associadas à luta pela democracia. “Foi durante a ditadura militar, quando existiam as torturas a presos políticos (a homens, mulheres e crianças supostamente participantes de movimentos políticos), que o movimento feminista foi capaz de promover uma série de argumentos iluminando as ligações da violência contra a pessoa e a violência contra as mulheres na esfera doméstica.”²

Façamos um paralelo entre o feminismo e a democratização. Assim como nos anos 70 as mulheres se reuniam em pequenos grupos para refletirem sobre sua identidade sócio-política a cultural, também o processo democrático começou a partir das reflexões pessoais para as interpessoais, dentro de uma vivência de insatisfação com as políticas sociais vigentes na época. Foi este clima que permitiu uma maior propagação da idéia de lutar pela igualdade nas relações entre homens e mulheres.

1. COLLIN. Françoise. *La Mème et las Diferences*. In: Les Cahiers du Grif, 1983/84.

2. SOARES. Vera. *Movimento Feminista Paradigmas e Desafios*. In: Estudos Feministas. vol. 1. n° 2. Publicação semestral CIEC/ECO/UFRJ.

O conceito de gênero, produto de uma década de indagações, vem expressar a não aceitação ao essencialismo, ou seja, do destino biológico feminino, buscando tornar clara a possibilidade de construção de um social feminino/masculino e a possibilidade de questionamento das relações assimétricas entre homens e mulheres.

Foi um longo caminho percorrido até hoje.

Foram muitas as descobertas. Fomos descobrindo os nossos eus, o ser pessoa, o ser sexuado, através do relacionamento com outras pessoas. Parafrazeando Simone de Beauvoir: não se nasce pessoa. Torna-se pessoa. E agora, citando a própria Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher. Torna-se mulher.” E este tornar-se mulher refere-se a uma unidade corporemente, dotada de plenos poderes para uma ação plena enquanto pessoa.

Mas infelizmente a nossa descoberta enquanto mulheres não se deu, e continua não se dando, de forma tão simples. Podemos perceber que vem sendo uma reconstrução ou porque não dizer uma desconstrução. Desconstrução dos “preconceitos coletivos que compartilhamos sobre as identidades de gênero.”³ Desconstrução da imagem de mulheres fracas, menos competentes, mais passivas, submissas e lábeis emocionalmente.

O trabalho desenvolvido pelo NuSS objetiva reconstruir a resgatar a imagem da mulher que, por ser uma unidade corpo-mente, tem condições de assumir a responsabilidade pela própria experiência; a imagem da mulher que vive com o entusiasmo que contribui para uma melhor qualidade de vida social, política e econômica.

Incluamos nesta qualidade de vida a sexualidade e a saúde da mulher. Através de dados epidemiológicos relacionados com a transmissão do HIV, verificou-se que até o ano 2000 metade dos adultos infectados será de mulheres. A prevenção continuará ligada ao comportamento sexual, e portanto aos aspectos que afetam estes Comportamentos em diferentes contextos e culturais. Da preocupação com esta qualidade de vida de nós mulheres é que surgiu a idéia das OFICINAS DE SEXUALIDADES PARA MULHERES.

Com a intenção de formar grupos que refletissem a posição da mulher na sociedade e que se sensibilizassem com as questões da cidadania e gênero (onde a sexualidade é um dos componentes a ser trabalhado nas relações de gênero) incentivou-se que surge o compromisso do NuSS com grupos de mulheres.

3. YOUNG-EISENDRATH, Polly. *A Pessoa do Sexo Feminino e Como Falamos Dela*. In: *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. pág. 186.

Baseadas no CONSTRUTIVISMO - linha do saber onde se presuppõe que homem e mulher não são dados pela natureza, mas construídos pela sociedade - as oficinas são um espaço de encontro de mulheres que trazem para o público o que é privado. Ou seja, refletem em si mesmas o que é do outro a partir do que também pode ser seu.

As abordagens e metodologias pedagógicas feministas foram desenvolvidas no processo epistemológico de *learning by doing* (fazendo e aprendendo). Ao final dos anos 70 o entusiasmo poético da pedagogia feminista centrava-se na emancipação e discriminação do universo feminino. Mas, com a influência da educação popular, as idéias de Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) tornaram-se uma referência para a ação recíproca em teoria a praxis.

Acreditando na relação ética e pertinente entre o saber e a cultura popular, estes dois elementos foram observados através de um prisma complementar. Os instrumentos utilizados para educar buscavam relacionar-se e adaptar-se às circunstâncias dos grupos alvo. Assim, as condições concretas de existência de cada grupo foram levadas em consideração, tal como a maneira peculiar do saber.

O learning by doing fez-se necessário a partir do momento em que evidenciavam-se as divergências entre a Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia Feminista. Dentre elas, o sujeito foco da história.

Para Paulo Freire, são focus os sujeitos das relações do proletariado e da classe trabalhadora. Entretanto, para as feministas não bastava comprometer-se apenas com estas relações e com suas vertentes dentro de uma estrutura sócio-econômica. Não em detrimento desta perspectiva, mas buscando refletir a favor das inquietações das mulheres que possuíam reivindicações próprias e específicas. Não bastava eliminar as distinções entre classes e os pensamentos autoritários, mas abordar vieses, tais como gênero, raça, cor, religião e outros.

A metodologia das oficinas do NuSS compreende uma abordagem feminista a não sexista, onde o ponto de partida é a vivência da própria mulher. “Nossa ação educativa nas oficinas, se efetiva através da troca de experiências, informações e de vivências corporais. Partilhando com outras mulheres seus modos e hábitos de vida, a mulher conhece sua força e conscientiza-se da dimensão política de sua vida particular. A reapropriação do conhecimento e do uso do seu corpo e a consciência da saúde, enquanto direito social básico, promovem a autonomia da mulher como sujeito de sua própria vida.”⁴

4. TORALLES. Kátia Karam. Antropóloga do NuSS.

As oficinas são realizadas em 4 encontros semanais, de 2 horas cede. De acordo com o perfil do grupo, os temas e suas dinâmicas são respectivamente organizadas. São vários os aspectos que abordamos. Dentre eles:

- Atitudes e Valores Frente à Sexualidade,-
- Relações de Gênero;
- Identidade Feminina;
- Influência dos Papéis na Sexualidade Feminina;
- Direitos Reprodutivos - Contracepção;
- Autoconhecimento;
- As DST/AIDS e a Negociação;
- Outras questões relativas à saúde e sexualidade feminina.

Vivenciando as Dinâmicas de Grupo, as participantes têm a oportunidade de refletir sobre os papéis que nos mulheres temos desenvolvido na sociedade, e qual a influência que eles têm sobre a sexualidade feminina. A partir desta discussão, abre-se um espaço para falar de insatisfação sexual - incluímos aqui as disfunções sexuais por nós conhecidas - das dificuldades enquanto pessoa, mãe e trabalhadora.

Lunge de ser um modelo de terapia sexual, mas sim um modelo não convencional onde se constrói, a partir do saber do outro. um *espaço não convencional terapêutico*. O trabalho de oficinas para mulheres pode ser compreendido como uma alternativa preventiva, onde as dinâmicas aplicadas e os assuntos discutidos têm efeito terapêutico, a partir dos insights, associações a reflexões sobre a própria vida.

É interessante perceber que a partir dos trabalhos corporais, das discussões acerca dos papéis sócio-sexuais, clarificação de valores, mitos e credences, as participantes resgatam suas dúvidas, seus preconceitos e discutem com o grupo, sob o auxílio da facilitadora, questões que, de certa forma, são alvo de ansiedade e angústia em suas relações de pares.

São mulheres dos mais variados níveis sócio-culturais e estratos econômicos. São visões mais diversas da sexualidade. São mulheres que se percebem através da outra e não se sentem tão solitárias em suas dificuldades.

Podemos citar como exemplo um dos grupos onde discutíamos sobre climatério: uma assistente social falou sobre a sua vivência enquanto climatérica, abordando que ela se sentia menos interessada em sexo. Em momento anterior, a mesma havia falado que quando mais jovem a sua necessidade de engravidar era tão normatizada pelo tratamento (hora e dia para ter relações sexuais) que ela acreditava ter mais disposição para o

sexo, ou apetite sexual. O próprio grupo, com o auxílio da facilitadora, ajudou esta mulher a concluir que o seu apetite sexual tinha relação direta com o desejo de engravidar. Hoje, já menopausada, ela já não poderia mais engravidar e não tinha percebido que a sua apetência, para ela diminuída, estava relacionada proporcionalmente com sua impossibilidade para a procriação.

Este exemplo elucida bem a questão do *espaço não convencional terapêutico*. Deixa bem clara a importância da vivência do outro. Todos nós sabemos que o desejo sexual no climatério não sofre influências a níveis fisiológicos. Mas todos nós também sabemos que esta é uma realidade de algumas mulheres. E aí? Desqualificamos esta verdade, particular à pessoa, e acusamos esta mulher de viver uma crendice'?

A convivência como grupo - eu digo COMO e não COM o grupo, pois nós também refletimos enquanto mulheres e, enquanto facilitadoras, não somos detentoras do saber e nem do poder - nos faz avaliar a nossa postura enquanto profissionais. A experiência nos fez perceber o quanto é importante levarmos em consideração cada crendice que é pontuada pelo grupo. A nossa tendência em apontar as crenças alheias a rotulá-las, nos faz muitas vezes cair no discurso autoritário e normatizador, alguém da proposta dos educadores e terapeutas sexuais, que discursam sobre a importância das histórias individuais na construção da sexualidade das pessoas.

Sabendo-se que a reestruturação cognitiva é um dos componentes do processo de mudança de atitude, seria ingênuo da nossa parte dizer que não é nossa intenção modificar a atitude das mulheres nas questões relativas à sexualidade. É difícil quantificar a modificação de comportamento, mas pelo menos podemos sensibilizar e verificar a intenção de mudança de comportamento.

A descontinuidade cultural, que marca a nossa sociedade, também pode ser compreendida como um dos fatores de conflito para as mulheres. Quando crianças, a elas é vedado todo e qualquer saber relativo à sua sexualidade, à sua cidadania e ao seu gênero. Quando adolescentes, estas informações lhes chegam deturpadas, cheias de duplas mensagens a questionamentos às vezes sem respostas. Como podemos exigir a vivência de uma sexualidade, sem medos, de Mulheres que, por vezes, sublimaram sua sexualidade ou mesmo a vivenciaram sem exercitá-la de maneira saudável a não encontraram respostas aos seus questionamentos enquanto cidadãs? A nossa convivência enquanto grupo permite-nos ver de perto este "descontinuum".

A reflexão que trago é através do nome: *grandes modelos em terapia sexual*.

É importante voltar os olhos, de maneira crítica, em relação a determinados modelos (chamados de grandes) que, dominados pela linguagem e pela disseminação dos padrões que normatizam a saúde, acabam, talvez em grande parte, por medicalizar a sexualidade. As observações no campo fisiológico, feitas por Willian Masters e Virginia Johnson, são sem dúvida de grande valor para o tratamento das disfunções sexuais, mas, se observadas apenas de maneira a reduzirem o ser humano a ações esperadas, frente ao que se chama de “Ciclo da Resposta Sexual”, poderão incorrer no risco de nos reduzir a previsibilidade. E aí cairemos no objeto de crítica do construtivismo: o essencialismo, que parte do princípio da biologia.

É imperativo que se insista na ampliação do conceito de sexualidade, através da abordagem das relações de gêneros, através da convivência grupal, insistindo na contextualização de que a sexualidade não é (...) “qualquer tipo de instinto ou imperativo, mas, ao contrário, é basicamente uma construção social, uma forma de ser a de se relacionar criada por arranjos sociais.”⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEL PRIORE. Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympia: Brasília-DF: Edumb, 1993.
 2. GUPTA, Geeta Rao & WEISS, Ellen. *Mulher e Aids: Desenvolvendo Uma Nova Estratégia de Saride*. Trad. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) com apoio da Fundação FORD, 1994.
 3. GERGEN, Mary McCanney. *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. Trad. Angela Melin. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos: Brasília-DF: EDUNB, 1993.
 4. COLLIN. Françoise. *La Mème et las Diferences*. In: Los Cahiers du Grid, 1983/84. Trad. SOS Corpo/Recife.
 5. SOARES, Vera. *Movimento Feminista Paradigmas e Desajos*. In: Estudos Feministas, vol. 1, n° 2. Publicação semestral: CIEC/ECO/UFRJ.
 6. GIFFIN, Karen. *Estudos de Gênero e Saúde Coletiva: Teoria e Prática*. In: Saúde em Debate n° 46/março 95.
-
5. TIEFER. Leonore. Uma Perspectiva Feminista. sobre Sexologia e Sexualidade. In: O Pensamento Feminista e a estrutura do Conhecimento, pag. 44.